LESLIE FEINBERG MICHAEL HERNANDEZ DRAGON XCALIBUR

VOCÊ É UM CARA OU O QUÊ?

CADERNO DE LEITURAS N.153 / 2022 TRADUÇÃO be rgb

ARE
YOU
A
GUY,
OR
WHAT
?

4
VOCÊ É UM CARA OU O QUÊ?
Leslie Feinberg

13
RETRATO
NÃO SOU HOMEM, NEM MULHER
Michael Hernandez

17
RETRATO
COMO SE O HOMEM E A GAROTINHA EM MIM
FINALMENTE TIVESSEM DADO AS MÃOS
Dragon Xcalibur

Tradução
be rgb

Nesta edição publicamos um texto de Leslie Feinberg, e dois retratos — “I am neither man nor woman”, de Michael Hernandez e “The man and the little girl within have finally joined hands”, de Dragon Xcalibur — reunidos no capítulo “Are You a Guy, or What?” de *Trans Liberation: Beyond Pink or Blue*, de Leslie Feinberg (Boston: Beacon Press, 1998, pp. 67-78). Agradecemos a autorização da editora para publicação deste capítulo.

VOCÊ É UM CARA OU O QUÊ?

Leslie Feinberg

Nos momentos tensos antes do começo da oficina "Explorando nossas opções", no congresso True Spirit, o clima de medo e dor na sala era pesado. Eu sei, porque também senti isso tudo revirando no fundo do meu estômago. Que eu saiba, uma discussão organizada sobre esse assunto, em uma escala tão grande, nunca tinha acontecido de fato. Mulher ou homem. Fêmea feminina ou macho masculino. E se você não pudesse — ou não quisesse — espremer o seu corpo e espírito para caber nessas categorias, ou se amasse alguém que não pudesse ou não quisesse? Como você se definiria? Qual combinação de palavras se aproxima da sua identidade? Quanta coragem seria necessária para descrever sua identidade, talvez pela primeira vez, para uma sala cheia de desconhecides?

Estive em uma mesa-redonda com outras duas pessoas trans. Cada ume de nós expôs suas ideias sobre a oficina, assim como uma breve descrição de nossas próprias vidas e identidades. E, depois, por quase duas horas, pessoas na oficina começaram a falar. O que aconteceu ao longo daquela discussão foi um divisor de águas para muites de nós. Nunca tinha estado em uma sala na qual essa dor específica fosse articulada de forma tão afiada. E também nunca tinha me sentido tão animade ou esperançose

em uma sala cheia de gente que eu nunca tinha visto antes. As risadas naquela oficina eram de lavar a alma. E as lágrimas derramadas coletivamente soltaram uma inundação de raiva e vergonha.

Queria tanto que vocês escutassem cada palavra que foi dita naquela oficina, que assistissem a cada silêncio comprido que compartilhamos. Mas eu respeito a confidencialidade daquela sala. O mundo é um lugar perigoso para cada ume de nós, pessoas trans, não importa onde nos encontremos nos arcos do sexo e do gênero. Então, para que vocês escutem nossas vozes, precisamos que nos ajudem a criar um lugar onde possamos falar que seja tão seguro quanto aquela oficina foi. Acredito que vocês farão isso.

Enquanto isso, deixo a seguir os meus apontamentos sobre aquela discussão.

Foi preciso coragem para vir a esta oficina. É uma oficina para aquelus entre nós que se sentam diante de uma ficha de inscrição e tentam entender qual casa marcar — "M" ou "H" — sendo que nenhuma delas é exatamente adequada às nossas vidas e nossas identidades. Você poderia escrever "não se aplica" ou "nenhuma das anteriores" ou "todas as anteriores" ao lado dessas duas casas, mas desse jeito você não consegue um emprego. Não consegue uma habilitação. Não consegue um passaporte.

Dado que é legalmente mandatório que nossas vidas todas se enquadrem em uma dessas duas pequenas casas, muites de nós efetivamente encaram o aprisionamento ou a institucionalização simplesmente porque não nos encaixamos. Vivemos sob a constante ameaça de uma violência apavorante. Temos que nos preocupar com

qual banheiro usar enquanto nossas bexigas doem. Somos forçades a considerar se seremos arrastades para fora de um banheiro e preses ou se enfrentaremos socos enquanto nossas bexigas ainda estão doendo. É uma realidade cotidiana para nós. Seres humanes precisam usar banheiros.

Esta é uma oficina para aquelus entre nós que lutam contra essa questão, tão simples e tão humilhante, todos os dias. Se eu usar o banheiro das mulheres, estarei preparade para lidar com os gritos e xingamentos? Será que alguém vai chamar a segurança ou a polícia? Se eu usar o banheiro dos homens, estarei disposte a lutar para conseguir sair? Estou pronte de verdade para lidar com a violência que pode resultar disso? Como posso proteger minha humanidade — meu próprio ser — da degradação de ter que tomar essas decisões várias vezes todo dia? Ninguém nunca nos ensinou a lidar com a questão dos banheiros públicos.

Muites de nós têm identidades para as quais não há linguagem. “Você é um cara ou o quê?” Nós somos as bigornas e essa pergunta nos martela todo dia. Para nós, essa pergunta requer uma resposta com mais de uma palavra.

É como se todo mundo que questiona a totalidade de quem nós somos — seja nos desprezando ou nos admirando — pensasse que uma resposta para a pergunta “Você é uma mulher ou um homem?” fosse esclarecer nossas identidades. Mas, para algumes de nós nesta sala, o chão que delimitamos entre esses dois polos é precioso. Nessa altura, não há uma palavra única que vai calar a questão das nossas identidades.

Nós todes lutamos para defender nosso direito à complexidade em uma sociedade que exige que reduzamos a totalidade do ser à mulher *feminina*. A menos que uma categoria seja uma escolha confortável, ela se torna um compartimento sufocante.

Muites de nós não se encaixam nessas definições de sexo/gênero; outres de nós não querem se encaixar. Por mais sedutora que a noção de "pertencimento" possa ser em um dia difícil, não queremos desistir da base de nossas percepções, de nossa consciência, daquilo que queremos levar para outres seres humanes quando interagimos com elus e do modo como queremos que interajam conosco.

Vou contar um pouco sobre minha própria identidade como pessoa trans. O que me torna transgênero é que minha designação sexual ao nascer — mulher — parece estar em contradição social com minha expressão de gênero — que é lida como masculina. Defendo meu direito a essa contradição social. Na realidade, quero viver o bastante para escutar as pessoas perguntarem "Acima de tudo, o que é que me fez pensar que isso era uma contradição?".

É verdade que nesta sociedade, na época em que estamos, ser uma mulher masculina parece ser algo como uma contradição, de tal forma que sou forçade a encontrar uma linguagem para me explicar. Em antigas sociedades cooperativas ao redor do mundo, no entanto, alguém cujo gênero fosse similar ao meu seria respeitade. Saber dessa verdade histórica me ajuda a manter a cabeça erguida.

Vivo orgulhosamente em um corpo ao meu próprio modo.

Defendo meu direito de ser complexe.

Sou uma pessoa que não deseja ser chamada de Ms. ou Mr.[1]

Respeito o direito de cada pessoa que encontra seu lar sendo homem ou mulher, macho ou fêmea, de ser chamada de Ms. ou Mr., ela ou ele. E eu valorizo a luta antissexista que se travou para criar o pronome de tratamento "Ms.". Quando era criança, a questão "É Miss ou Mrs.?" parecia estar codificada em todas as trocas humanas. Eu não achava que as respostas automáticas de conversação pudessem ser erradicadas. Porém, em poucas décadas, vi Ms. se tornar algo de uso popular. Acho que é porque a pergunta "É Miss ou Mrs.?" era inerentemente ofensiva. A raiz da questão era: você é propriedade de alguém ou ainda está livre? Então, foi um progresso colocar Ms. em uso.

Também acho que é um progresso abrir uma discussão mais ampla sobre atitudes sociais ofensivas com base nas limitações dos pronomes da língua inglesa. Se ouvimos alguém descrever outra pessoa que nunca encontramos antes, nós inconscientemente já fazemos suposições sobre aquela pessoa com base no pronome usado para descrevê-la. E uma das maiores suposições feitas a partir dos pronomes é a de que a pessoa precisa ser uma coisa ou outra. É aí que o pronome "it" entra.[2] Esse pronome é

1. No sistema de pronomes de tratamento do inglês, o pronome "Mr." (Mister) se refere a qualquer pessoa designada homem, seja jovem ou adulto, casado ou não, enquanto por muito tempo pessoas designadas mulheres se dividiam em "Miss" para jovens não casadas e "Mrs." (Mistress) para mulheres casadas. A luta pela existência de "Ms." veio para retirar a divisão entre mulheres segundo o critério matrimonial de nuance etária. Em português brasileiro, o sistema Sr./Sra./Srta. também reproduz a distinção sexista e etarista e não houve a popularização de nenhum pronome de tratamento que resolvesse essa questão, de forma que preferi manter as referências ao sistema do inglês. [N. T.]

2. Em português brasileiro, poderíamos dizer "isso". No entanto, "it" também é uma forma de referência sem gênero especificado para animais no inglês, exceto por aqueles de vínculo mais próximo com humanes, que recebem referências com gênero. [N. T.]

lançado na direção daquelus que parecem não se encaixar em *ele* ou *ela*. O pronome sem gênero "it" é um epíteto que nos despoja de nossa humanidade. Precisamos de um pronome sem gênero que nos honre como seres humanes singulares.

Eu mesme prefiro pronomes sem gênero. Não espero que todo mundo comece a usá-los da noite para o dia. Mas eu vejo, especificamente no ciberespaço, que esses pronomes começaram a ser usados bem rapidamente.

Então, deveríamos ficar à vontade para usar pronomes alternativos ou sem gênero durante esta oficina. Algumas pessoas usam tanto *s/he* quanto *sie*,[3] ambos pronunciados como "sea" [mar], como o oceano. Outres usam *ze* (som: zi). O pronome possessivo sem gênero que se tornou mais popular em inglês é *hir* (como *here and now* [aqui e agora]). Em um primeiro momento, é mais fácil para algumas pessoas usar esses pronomes na escrita do que na fala, porque fomos condicionades demais ao uso de *ela* ou *ele* ao longo da vida toda.

Pedi à Beacon Press para usar *s/he* na minha descrição de autorie na capa de *Transgender Warriors*. Esse pronome é uma contribuição do movimento de libertação das mulheres. Antes dessa luta, o pronome "he", "ele," era usado de forma quase universal para descrever a

3. Como Feinberg está a comentar sobre as particularidades específicas dos pronomes não binários em inglês, preferi não traduzi-los. Para contextualizar, "S/he" se forma a partir da união entre os pronomes pessoais "she" (ela) e "he" (ele), tendo "sie" como outra grafia possível, e "hir" é feito por meio dos pronomes oblíquos "her" (ela) e "him" (ele). [N. T.]

humanidade — “mankind”.[4] Logo, *s/he* abriu o pronome para incluir “womankind”. Eu usei *s/he* na sobrecapa porque é um pronome sem gênero reconhecível pelas pessoas.

Mas, pessoalmente, prefiro o pronome *ze* porque, para mim, ele mescla *mankind* e *womankind* como *humankind*.

Como pessoas trans, tantes de nós passaram por experiências similares à questão do “Miss ou Mrs.” — embora isso chegue de maneira bem mais humilhante. É a referência que chamo de “Mamsir”. Vocês sabem do que estou falando: “Aqui está o seu troco, *ma’am*, quer dizer, *sir*, quer dizer *ma’am*, quer dizer *sir*.”[5] Isso é degradante e constrange tanto as pessoas na conversa quanto quem estiver ouvindo. Também desprezo a subordinação de classe presente nessas formas de tratamento que já foram mandatórias.

Em um dia bom, quando tenho forças, digo para a pessoa atendente: “Não seria mais fácil dizer: aqui está o seu troco; tenha um bom dia?”.

Para mim, é disso que trata esta oficina. Como podemos nos definir de modos que honram nossas próprias formas de expressão — nosso próprio ser? Vamos tentar. Não há observadories hostis aqui. Não haverá ninguém que vai te humilhar ou te criticar pelas palavras que você escolher e experimentar para se descrever.

4. Em inglês, a referência à humanidade (*humankind*) como “mankind” é um dos traços sexistas que toma o homem (*man*) como base. Logo a seguir, Feinberg menciona a inclusão, na designação da humanidade, de “womankind”, que tem como base a mulher (*woman*). [N. T.]

5. Feinberg menciona “mamsir” como síntese da oscilação entre “ma’am” (*madam*, senhora) e “sir” (senhor) quando se tenta impor leituras binárias de gênero para dissidentes do sistema sexo-gênero. [N. T.]

E, à medida que você se esforça para se identificar com palavras, você oferece para cada ume de nós o presente de uma nova linguagem — de conceitos revigorantes.

É realmente uma contribuição sua para nós. Você não precisa expor a sua alma — ou você pode. Você pode falar de si na terceira pessoa. Faça o que for mais confortável para você.

Nossa discussão aqui e agora um dia vai ajudar a mudar a forma como as pessoas pensam sobre o que é “natural” e “normal”. Somos representantes da vastidão da variação humana, mas não nos vemos na cultura, na linguagem ou na vida cotidiana, a não ser de formas deturpadas e distorcidas. Essa é uma chance de representarmos nossas próprias vidas com nossas próprias palavras.

Reconhecer que estamos em uma oficina que vai ajudar a reformular a consciência das gerações futuras não supõe uma responsabilidade que silencie qualquer ume de nós. Justamente o contrário. Que esse reconhecimento suavize nossos maxilares travados. Cada uma de nossas verdades, articulada, é eloquente.

Ao dar uma olhada nas emoções gravadas nos rostos que vejo nesta sala, sei que nós todes vamos garantir que esse seja um espaço seguro para que vocês falem. Nós todes aqui já fomos terrivelmente machucades. Uma oficina não vai curar todas as feridas que vivemos, nem vai nos preparar completamente para o que se encontra adiante, entre este congresso True Spirit e o próximo.

Na minha opinião, precisamos de grupos de discussão contínuos e boletins internacionais de informe, assim como outras formas de comunicação que nos permitam continuar

conversando umes com es outres. Quando estamos sozinhes, precisamos saber que logo vamos nos reunir de novo, em números ainda maiores.

Hoje nós nos encontramos. E, de agora em diante, nunca mais vamos nos sentir sozinhes como nos sentimos a vida toda. Este é um momento muito importante para nós todes. Tem sido uma jornada longa e árdua. Mas nós nos encontramos.

Estamos em casa agora.

RETRATO
NÃO SOU HOMEM, NEM MULHER

Michael Hernandez

Desde que aprendemos a andar, nos dizem que o número mágico é o dois: macho/fêmea, preto/branco, certo/errado, dia/noite, sol/lua, bem/mal... e assim por diante. Sem mais nem menos, as pessoas parecem ignorar o fato de que há mais que duas raças, um campo imenso se dedica à área cinza entre o certo e o errado (por exemplo, na Ética), o amanhecer e o entardecer separam dia e noite, e o bem e o mal dependem muito da religião e/ou perspectiva. No entanto, o dois permanece como grito de guerra até que chegamos ao comportamento, e a partir daí o número mágico é o um. Nos dizem que existe só uma forma de ser, uma forma de agir, uma forma de sentir.

O Caminho Verdadeiro do Um impõe que todas as pessoas são iguais e deveriam querer as mesmas coisas. Que aquelus que são diferentes devem ser convertides o quanto antes. Aquelus que falham ou se recusam a ser convertides serão excluídes ou, melhor ainda, mortes, por medo de que elus maculem es verdadeires seguidories.

O Caminho Verdadeiro do Um recruta pessoas para se casarem e comprarem aquela casa com cerca de estacas brancas, seguindo o mandato de que todas as pessoas devem ser heterossexuais e que vão procriar, mas só depois

do casamento. E de que só existe Um Deus e é melhor que você ande na linha, do contrário...

Rompi com o Caminho Verdadeiro do Um quando saí do armário como lésbica. Fiquei eufórique de estar livre das regras opressivas da codificação do gênero. Rompi com elas quando andei pelas margens daquela comunidade e senti euforia mais uma vez por um tempo, antes de perceber que cada comunidade da qual fiz parte possui suas próprias regras e ideologia.

Quando comecei a tomar testosterona pela primeira vez, eu acreditava no dois como o número mágico. Depois de vários anos como o homem invisível, não tinha como eu não supercompensar. Eu precisava pertencer a algum lugar e estava convencide de que pertencimento era ter a mesma opinião. A mesma opinião é algo que se maculou para mim. É algo cheio de dogma e exclusão e um exorcismo daquilo que é diferente. O tempo passou e a experiência matizou minhas percepções do mundo. À medida que fiquei mais confortável comigo mesme, encontrei um equilíbrio, uma noção de paz. Sou mais que macho e mais que fêmea. Não sou homem, nem mulher, mas o círculo que abarca ambes.

Minha cultura e herança lésbicas são importantes, e, à medida que os dias passam, é o lado mulher que some da vista, ainda que matize minhas opiniões, ações e sistema de crenças. Hoje sou percebide como homem branco privilegiado, embora exista menos proteção jurídica para pessoas trans e eu possa ser demitide, ou nem contratade, por causa do meu status de gênero. Sou latine e meu corpo segue sendo uma mistura de características secundárias de fêmea e de macho. Tudo tem seu preço.

Já é difícil o suficiente ser transgênero sem acrescentar a orientação sexual nessa mistura. Estou à margem da sociedade por ser transgênero, à margem da comunidade transgênero por ser homossexual e à margem da comunidade homossexual por ser transgênero. Será que isso seria considerado uma margem elevada ao cubo? E o que fazer com minha identidade tanto lésbica quanto gay? O que acontece quando o *leather*[6] é jogado nessa mistura? A matemática dá um nó na cabeça.

Ao me debater com quem sou e com o lugar ao qual pertencia, aprendi que não há consenso externo. Cada pessoa tem uma opinião diferente. Só eu tenho as respostas para essas perguntas e elas sem dúvida não são consideradas válidas por todes. Porém só eu posso viver minha vida e decidir o que é certo para mim. Se eu depender de outres para tomar essas decisões e definir políticas para mim, estarei destinade à decepção.

Apenas sou. O nome e o encaixe não são mais tão importantes. Sempre vai ter algo que me torna diferente. É parte da minha natureza e do meu caminho. Cresci para além do jogo dos números.

Há mais que o dois ou até que o três. Gênero e comportamento são tão variáveis quanto as estrelas no céu. Não há padrão típico que forneça uma prova definitiva de que alguém é transgênero. Há tantas similaridades e até histórias de infância idênticas entre aquelus que se identificam como lésbicas, transexuais ou transgênero, que

6. *Leather* [couro] refere-se ao uso de roupas feitas de couro escuro, presente em várias expressões culturais relacionadas à sexualidade e ao desejo. Constitui um tipo de cena que foi a princípio mais visível entre comunidades gays, mas não somente, incluindo lésbicas e envolvides em BDSM. [N. T.]

é impossível contar com a experiência de outre para que você se defina. Ninguém tem essa resposta, só você, e essa resposta está sujeita a mudanças sem aviso algum.

Minha vida hoje é muito diferente daquela de ontem. Há dias em que eu sei para onde vou e dias nos quais as dúvidas me sobrecarregam. No fundo, sou uma pessoa melhor porque encontrei minha própria via no mundo. Pode não ser a mesma que a sua e com certeza não é melhor que a sua, mas é o certo para mim.

RETRATO
COMO SE O HOMEM E A GAROTINHA EM MIM FINALMENTE TIVESSEM DADO AS MÃOS

Dragon Xcalibur

Eu me mudei para o Noroeste Pacífico e me apaixonei pelo céu. Talvez seja a umidade de minha ascendência irlandesa que me faça sentir esse amor. Mas tendo a acreditar que é por causa dos mil matizes do cinza que há no céu — você olha para cima e existem possibilidades tão infinitas ali.

Vivi parte da minha vida como mulher hétero, parte como sapatão *butch*, parte como homem — tanto hétero quanto viado. Cada uma foi e é importante. Não quero me esquecer de nada. Quero, em vez disso, andar pelo círculo à medida que o vejo. Penso que, à medida que envelheço, torno-me mais estranhe e mais genérique. Ume queer genérique, pois queer é minha nação e minha cultura.

Fiz uma mastectomia na última primavera (1997) depois de muitos anos usando binder para parecer homem, mas sem que rolasse o “mete a faca aí”. Não sei bem por que esperei tanto, já que foi tão libertador para mim ter feito isso. A melhor parte foi algo que eu não esperava. É como se o homem e a garotinha em mim finalmente tivessem dado as mãos em uma aliança e em um amor — tanto amor! Ambes têm um peitoral reto, sabe. É tão bom tê-la comigo e forte novamente em mim.

Ultimamente me considero tanto homem quanto mulher, ambes e nenhume delus. O mundo lá fora às vezes fica me perguntando sobre isso. Existem alguns detalhes práticos que às vezes são desafiadores. Mas, no geral, gosto de estar na ponte. E, mesmo quando tenho problemas com isso num determinado dia, eu sei que é ali que pertenço. Isso é bom — saber disso. Você pode escrever suas próprias regras e mudá-las. Você pode andar pelo mundo sem machucar ninguém. Realmente existe espaço para todo mundo. As pessoas às vezes têm medo de mim e esperam que eu as tranquilize. A única forma certeira de matar o medo de que alguém passe por cima dos seus muros é derrubando-os.

Amo a palavra "transição". Todes estão sempre em transição, então nós todes realmente temos muito em comum.

Meu filho, agora com 17 anos, é maravilhoso. Agradeço muito a ele. Eu ia com medo, na cara e na coragem, quando ele nasceu, e agora sigo com habilidade e cuidado.

O sadomasoquismo e os rituais são parte de minha vida. Acho que é muito importante ver a beleza que cresce apesar da dor e da destruição no mundo. Apenas olhe para as folhas de grama que crescem nas rachaduras do concreto no meio da estrada. Isso é um ritual por si só.

Caderno de Leituras n. 153 | 2022

Você é um cara ou o quê?
Are You a Guy, or What?
Leslie Feinberg, Michael Hernandez, Dragon Xcalibur

Edição
Luísa Rabello

Tradução
Beatriz Regina Guimarães Barboza (be rgb)

Revisão da tradução
Fernanda Regaldo

Preparação de texto
Maria Carolina Fenati

Revisão
Andrea Stahel

Projeto gráfico
Luísa Rabello

Coordenação da coleção
Luísa Rabello e Maria Carolina Fenati

Composto em Placard e GT America

ISSN 2764-3301

Edições Chão da Feira
Belo Horizonte, setembro de 2022
Esta e outras publicações da editora estão
disponíveis em **www.chaodafeira.com**

Este projeto foi realizado com recursos
da Lei Municipal de Incentivo à Cultura de Belo Horizonte

Realização

PROJETO REALIZADO PELA SOCIEDADE CIVIL COM RECURSOS ORIUNDOS DA POLÍTICA DE FOMENTO À CULTURA MUNICIPAL

Incentivo

LMIC
LEI MUNICIPAL DE INCENTIVO À CULTURA

CULTURA

PREFEITURA BELO HORIZONTE
GOVERNANDO PARA QUEM PRECISA

Projeto 0182 / 2021